

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: *Sito E/Senhor*

Class.: *EALR0276*

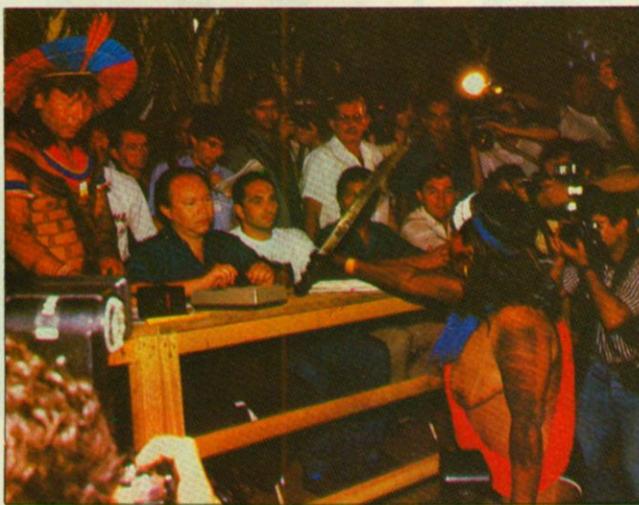
ISTO É
SENIOR

1 DE MARÇO/1989

Índios somos todos nós

Do outro lado estão os governantes e mais alguns espertos

Observem a foto que ilustra esta página, é um dos melhores quadros de um espetáculo do absurdo encenado em Altamira, em defesa, dizem, das Nações Indígenas. Jarry, Beckett, Ionesco e outros teatrólogos do paradoxo jamais imaginariam um espetáculo tão imponente, transmitido para o mundo via tevê. Mas não procurem o disparate no facão brandido pela índia e passado a contrapelo sobre o rosto do diretor de Engenharia e Planejamento da Eletronorte, como um convite a esca-



Ritual em Altamira
Não há absurdo neste facão

nhoar a barba crescida. Se os desvalidos da terra empunhassem facões na hora em que sofrem a prepotência talvez conseguissem retocar o seu destino de miséria.

Os espectadores que assistiram ao espetáculo de Altamira sabem, no entanto, que aquele facão não adianta coisa alguma, não consegue assustar sequer um engenheiro da Eletronorte. E a própria índia sabe que executou um ritual, que viveu um símbolo de certa forma patético. Os índios dizimados por séculos de perseguição são chamados a exibir a sua decadência em rede universal. Aos olhos das crianças e dos últimos ingênuos, eles se parecerão com os fantasmas de suas próprias fantasias, ou com as caricaturas. Onde estão Jerônimo e Touro Sentado? As cores da guerra pintam em vão corpos cansados.

Em compensação, entre os presentes há gente muito aguerrida. Atores, cantores, fanáticos do verde, deputados ingleses, o presidente do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e Recursos Naturais, Fernando César Mesquita. O nome do cargo é grande demais para ele. Talvez por isso ele tenha sido vaiado tão demoradamente. Foi embora dando uma aula de democracia. Mas ouviram-se coisas

mais estarrecedoras. O suave Tam Dalyell, da Câmara dos Comuns e também cientista, propôs que em lugar de hidroelétricas se construa no meio da Amazônia uma usina nuclear. Ao esclarecer que reside nas proximidades de uma usina nuclear, e acha formidável, Tam apresentava alguma semelhança com Colombo no dia em que pôs o ovo em pé.

Ainda é pouco, para movimentar este teatro. A questão central são seis hidroelétricas que o governo pretende construir na bacia

do Xingu, à margem de outras tantas represas cujas águas cobririam 18 mil quilômetros quadrados de reservas indígenas e florestas nativas. De todo modo, um ponto não está claro: se a estrada destinada a ligar o Acre ao Peru seria uma alternativa às hidroelétricas, ou se cumpriria admiravelmente a tarefa de completar a destruição de um bom pedaço do chamado pulmão do mundo.

Cidadãos de bom senso perguntarão: é possível ser contra o progresso? Absurdo é tomar posição contra o desenvolvimento, é brandir facões contra a engenharia da Eletronorte e vaiar democratas do porte de Fernando César. Resta ver o que se entende por progresso, desenvolvimento, civilização. Já bastaria reparar nestes pobres índios acorados aos pés da tribuna de Altamira, e ainda explorados ali mesmo por muitos entre seus pretensos defensores, para entender quais são os ideais da civilização dos conquistadores.

Em nome do desenvolvimento, os governantes do Brasil acumularam a maior dívida externa do mundo e comprometeram o futuro do País. Salvo melhor juízo, cuidaram basicamente do progresso dos empreiteiros e, de vez em

quando, aqui e acolá, das suas contas bancárias, das suas fortunas pessoais. Nada surpreendente: no País da Transamazônica e da Ferrovia Norte-Sul, os governantes teimam alegremente em confundir poder público com privado. Se depender deles, acabaremos todos como os índios de Altamira.

Agora, cabe perguntar aos nossos cordiais botões se este Brasil oficial, o Brasil contingentemente entregue à Presidência de Sarney, contingentemente mas não por acaso, merece o respeito do mundo, que o assiste pela tevê e o lê nos jornais. Também não é por acaso que, informado a respeito de um possível empréstimo de US\$ 1,5 bilhão prometido pelo Japão ao Brasil, o sr. George Bush, presidente dos EUA, advertiu o governo de Tóquio sobre o risco das hidroelétricas amazônicas. Sarney e seu valente ministro da Justiça bradam contra qualquer projeto de internacionalização da Amazônia. Talvez não percebam que a internacionalização já aconteceu. Na hora em que os representantes das duas maiores economias do mundo discutem se convém ou não emprestar dinheiro ao Brasil, à luz dos projetos amazônicos do governo brasileiro, e sem que

o destinatário do empréstimo tenha a chance de participar da conversa, não sobram dúvidas de que ao menos a questão foi internacionalizada.

Estamos sendo feridos em nossos brios? Vejamos. É de se excluir que Bush ou Takeshita sonhem em meter suas mãos sobre uma larga fatia de Brasil, embora muitos entre os nossos nacionalistas imaginem o contrário. Os nossos nacionalistas estão atrasados, o tempo tem andado depressa demais para as suas clepsidras. Ocorre, de fato, que o mundo está interessado na preservação das nossas florestas equatoriais. Pode ser tardia, essa preocupação, mas é sincera, e deveria coincidir com a nossa. O que está em jogo é a vida de todos. Se a história universal relata uma seqüência de crimes sem conta contra a natureza e o próprio homem, não é por isso que, para afirmar a nossa independência, teremos de escrever aqui mais um capítulo de ferocidade e estultice. Se o mundo desconfia hoje dos governantes brasileiros e se os Bush da vida, mesmo hipocritamente, acabam por representar essa desconfiança para satisfazer, digamos assim, as suas bases, não é para afirmar a nossa independência que passaremos a confiar em Sarney, Fernando César, Eletronorte etc. etc.